

# Mercado S/A



**AMAURI SEGALLA**  
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

Com o valor das passagens nas alturas, muitas pessoas estão trocando o avião pelo ônibus

## Amor aos Pedacos retoma projeto de expansão

A rede de franquias de doces Amor aos Pedacos, que fez sucesso nos anos 90 e início dos anos 2000, quer recuperar o vigor do passado. A empresa pretende abrir dezoito unidades até o final do ano e elevar suas receitas em ao menos 20%. Para ser franqueado de uma loja da marca, é preciso investir a partir de R\$ 350 mil. Quiosques são um pouco mais baratos: R\$ 200 mil. A pandemia foi um período duro para o grupo, que foi obrigado a fechar unidades e rever seus projetos de expansão.

## Startups demitem em massa

Um levantamento realizado pelo site Layoffs.fyi, que acompanha diariamente as demissões em startups e empresas de tecnologia no mundo, revela que o setor vem passando por uma onda de cortes. Desde o início da pandemia de covid-19, 1.089 companhias de diversos países, incluindo o Brasil, dispensaram funcionários, com 164 mil colaboradores dispensados. O ano de 2022 sequer terminou, mas a quantidade de demitidos na área aumentou 333% em relação a 2021.

## Tesouro Direto cai no gosto dos brasileiros

O Tesouro Direto bateu recordes em julho. De acordo com balanço divulgado pelo Tesouro Nacional, cerca de R\$ 4 bilhões em títulos foram vendidos a pessoas físicas — é a melhor marca desde maio de 2019. O número de investidores chegou a 20 milhões, com acréscimo de 535 mil no mês passado. Facilidade para investir, segurança (os títulos, afinal, são garantidos pelo governo) e rentabilidade maior que a da poupança são fatores que explicam o crescimento da demanda por esses produtos.

## Preço das passagens aéreas deverá diminuir nos próximos dias

A redução de 10,4% do preço do querosene de aviação, anunciada pela Petrobras na última sexta-feira, deverá fazer com que as passagens aéreas fiquem um pouco mais baratas nos próximos dias. A queda dos valores não deverá demorar. Como se trata de um produto de baixa estocagem, as empresas compram o combustível regularmente — e as novas remessas já virão com o desconto. No entanto, a Associação Brasileira das Empresas Aéreas (Abear) afirma que é difícil fazer projeções sobre o impacto da medida para o bolso dos consumidores e diz que a redução está longe de resolver o problema. Desde julho de 2019, o querosene de aviação aumentou 168,7% no Brasil, muito acima da inflação de 126% do diesel e de 50,9% da gasolina. O setor aéreo quer reagir e já se preocupa com o impacto dos preços nas férias de fim de ano. Com o valor das passagens nas alturas, muitas pessoas estão trocando o avião pelo ônibus.

Renato Weil/EM/D.A Press



## RAPIDINHAS

- » As redes de eletroeletrônicos apostam suas fichas na tecnologia 5G. Estima-se que os smartphones habilitados para o novo sistema aumentarão em 2,7% o faturamento do setor no segundo semestre do ano diante do mesmo período de 2021. É improvável que haja uma corrida para as lojas, mas é certo que muita gente trocará de celular.
- » A Hope, conhecida no mercado brasileiro pelas roupas íntimas para mulheres, quer agora conquistar o público masculino. A empresa lançou uma linha para homens em junho passado e os primeiros resultados mostraram que a estratégia foi certa. Até o final do ano, estima-se que as peças para eles respondam por 15% das vendas.
- » A tradição da Índia na área tecnológica está cada vez mais representada no comando de grandes empresas do setor. Gigantes como Adobe, Google, IBM, Microsoft e Twitter, entre muitas outras, têm como CEOs globais executivos nascidos no país asiático. E novos líderes vêm por aí: 8% dos trabalhadores do Vale do Silício são indianos.
- » Lançado há alguns dias pela Editora Panini, o álbum de figurinhas da Copa do Catar gerou negócios de segunda mão bastante disputados. No Mercado Livre, a figurinha rara de Neymar está sendo vendida por até R\$ 7,5 mil. Os cromos do português Cristiano Ronaldo e do argentino Messi também têm preços salgados.



**As pessoas que você encontra no andar de cima não são necessariamente mais especiais do que as do andar de baixo ou do meio"**

**Ray Dalio**, bilionário americano e um dos investidores de melhor desempenho da história

StartupStockPhotos/Pixabay



# 13 horas

por dia é o período que os brasileiros ficam on-line, segundo pesquisa global da NordVPN. Nenhum país passa tanto tempo conectado

## VALORES ESG

# A hora da sustentabilidade

Um dos nomes mais respeitados no debate sobre as novas faces da economia, John Elkington defende nova visão sobre o Brasil

» VICTOR CORREIA

Cinco décadas após o conceito de sustentabilidade nas empresas ser definido, o mercado passou a considerar fatores como mudanças climáticas e pressão da sociedade para oferecer alternativas mais limpas de consumo. No século 21, esse esforço pode ser resumido no termo ESG, sigla em inglês para Ambiental, Social e Governança. Apesar das mudanças importantes dentro e fora do ecossistema corporativo, especialistas que estudam o tema veem com preocupação o rumo dos debates. “Muitos ambientalistas costumam pensar no Brasil um pouco como o velho-oeste. E os dois assassinatos recentes de um jornalista e de um ativista (Dom Phillips e Bruno Pereira) apenas confirmou essa visão”, avalia o empreendedor e autor britânico John Elkington, considerado um dos precursores da preocupação com sustentabilidade no mercado. Recentemente, Elkington esteve em São Paulo para uma palestra no Fórum Encadear, realizado pelo Sebrae. “A maioria das pessoas não pensa sobre o Brasil o tempo todo. Aqueles que pensam, veem uma economia que é extrativista e degenerativa”, comenta.

O autor, porém, vê o Brasil com enorme espaço no campo socioambiental, e também crítica a forma como muitas empresas e ativistas ambientais olham para o país. “Se você pensa em um país como sendo um problema, você vai interpretar as informações que recebe sob a mesma luz. Então há a necessidade de mudar essa visão. Vendo de

fora empresas como a Natura, a Suzano, existem bons exemplos nesse país de grandes negócios tentando fazer a coisa certa”, diz o especialista.

### Sexta onda

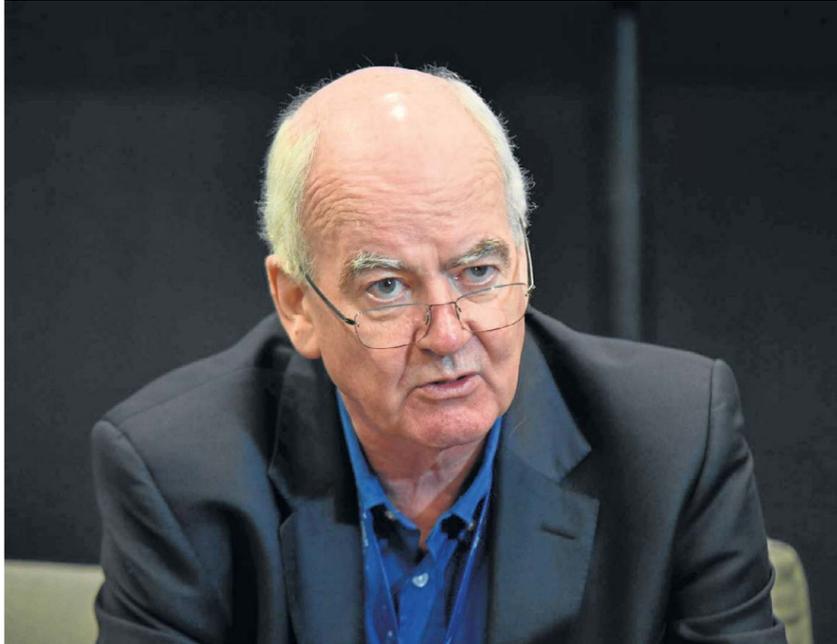
Na avaliação de Elkington, o mundo atravessa a “sexta onda” de sustentabilidade. Os países estão focados em questões como a defesa nacional e a segurança dos recursos — como combustíveis e alimentos. O autor avalia que a pandemia e a guerra entre Rússia e Ucrânia tornaram evidentes fragilidades importantes no sistema econômico, e que mudanças profundas ocorrerão em breve.

“Uma mudança sistêmica agora é inevitável. Já está passando do prazo, e vai acontecer. Agora, a liderança virá dos governos, dos políticos, ou do setor privado?”, questiona Elkington. “Líderes de negócio não são eleitos, e nós temos que tomar muito cuidado com a profundidade da participação deles nesse processo”, alerta o autor.

Um dos aspectos do novo cenário em sustentabilidade é a descentralização das cadeias. Embora as grandes empresas tenham um impacto social e ambiental consideravelmente maior do que as pequenas e médias companhias, a atenção está cada vez mais voltada à participação das menores na cadeia produtiva. Empresas de menor porte têm mais controle sobre seu sistema, sobre sua produção, e podem aplicar de forma mais eficiente os hábitos sustentáveis.

Elkington ressalta que, no processo de transformação da economia nas próximas décadas,

Títio Vidal



**Elkington anuncia o futuro: “Mudança sistêmica é inevitável. Já está passando do prazo, e vai acontecer”**

algumas empresas com décadas de história, com organizações complexas e antiquadas, podem ter que deixar de existir. Ele cita o exemplo de seu país, a Inglaterra, em contrapartida com países que passaram por um processo estratégico de desindustrialização, como o Japão.

“Nós tentamos manter algumas dessas indústrias. Por causa do histórico, por causa da empregabilidade”, diz. “Não é simples, mas se nós tentarmos ajudar as empresas mais antigas, que causaram a maioria dos problemas, a sobreviverem, isso vai

ter um custo muito alto. É melhor matá-las”, pontua.

No Brasil, já existem investidores e empresas pensando em uma economia mais conectada. Para o sócio diretor da Pangeia eco, Daniel Michilini, a criação de um ecossistema de empresas baseado em ESG não só tem o benefício de fomentar um desenvolvimento mais sustentável, mas também acelerar o crescimento dos envolvidos. A Pangeia justamente conecta produtores e consumidores sustentáveis por meio de um marketplace,

além de incentivar iniciativas socioambientais.

“Assim como os consumidores estão mais conscientes, a gente também está percebendo que os produtores estão mais conscientes. Já entenderam que a jornada de transformação econômica e social passa pela transformação ambiental. Ou seja, manutenção da floresta de pé, o cuidado com as matas ciliares e tudo o mais, já é uma preocupação dos pequenos e médios produtores”, diz Michilini.

Na visão de Elkington, as tentativas até o momento para uma

economia sustentável fracassaram. “Eu vejo pessoas da minha geração dizendo: ‘nós tentamos, nós fizemos a nossa parte, mas falhamos’, se aposentando e deixando as mudanças para as novas gerações. Não, vocês não fizeram o suficiente, vocês andavam de carros esportivos, vocês poluíram. As mudanças têm que ocorrer com um esforço intergeracional”, defende o empreendedor.

**O repórter viajou a São Paulo a convite do Fórum Encadear**

## Memória

### Uma discussão de 50 anos

A preocupação com a sustentabilidade começou a tomar forma durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano em 1976 em Estocolmo, Suécia — a primeira a discutir o meio ambiente.

Com a ideia ganhando mais tração ao longo dos anos, John Elkington criou, em 1994, a triple bottom line, o conceito que a economia deveria ser sustentada não apenas pelo lucro, mas por uma noção de prosperidade econômica, social e ambiental. A versão mais recente é a ESG, criada em um documento publicado em 2005 pelo Banco Mundial e pela Organização das Nações Unidas (ONU). “O negócio da sustentabilidade está crescendo há 50 anos, e apenas agora está começando a inflar”, conta Elkington.